

Dante Cultural



Ano VII - Número 19 - Novembro de 2011

ISSN 1980-637X

Bravos trabalhadores

Bauducco, Lupo, Ceratti, Lorenzetti: esses nomes tão conhecidos no Brasil são de imigrantes italianos que chegaram por aqui para melhorar de vida e acabaram se tornando parte importante de nossa economia

Entrevista:

O ator Eriberto Leão relembra seus tempos de Dante - onde já fazia aulas de teatro

Perfil:

A vida da escritora Marina Colasanti entre a Eritreia, a Itália e o Brasil rendeu um livro de memórias

Abruzzo:

A variedade da boa mesa e a opulência da natureza protegida dessa região italiana

A verdadeira história de Marta Vannucci

Aluna do Istituto Medio Italo-Brasiliانو Dante Alighieri

Texto e fotos: Alessandro Dell'Aira

Chegou de táxi. No ano passado subiu o Himalaia – só a meio caminho, coisa de nada, faz questão de dizer. Este ano passou por São Paulo, onde morou por quarenta anos, de 1930 até 1970, cidade que, aliás, visita com frequência. Fez também questão de passar o dia do seu aniversário, 10 de maio de 2011, na Escola em que estudou. Ela e a Escola, as duas ainda muito jovens. O Himalaia pode ser o “teto do mundo”, mas, em face dos cem anos do Colégio Dante e dos noventa de Marta, isso não é lá muita coisa.

Marta Vannucci é autora de um conto escrito como homenagem póstuma a Giorgio, um de seus companheiros de turma, com quem estudou nos anos 30. É a história de um primeiro amor e, como ela mesma escreveu, “de fatos que muito provavelmente se repetiram centenas ou milhares de vezes, com pequenas ou grandes variantes”. Uma daquelas histórias ternas entre jovens, histórias que, infelizmente, a guerra acabou por ceifar. O pai de Marta, Dino Vannucci, médico-cirurgião, lutou como “alpino” na Primeira Guerra Mundial, da qual saiu mutilado. Na carreira acadêmica, pluridecorado, era livre-docente nas universidades de Pádua e Florença, esta última a sua cidade, onde tomou parte do movimento *Italia libera*, fundado pelos irmãos Rosselli e Piero Calamandrei. Opôs-se a Mussolini



A ex-aluna que completou 90 anos no ano em que o Dante chegou ao centenário, comemorou a data na própria escola

desde os primeiros dias do fascismo. Quando mataram Giacomo Matteotti (político socialista e antifascista), Dino expôs um retrato deste na capela da família para que os amigos o homenageassem. Quiseram impedi-lo do gesto, mas ele asseverou que a capela era sua e lá dentro fazia o que queria. Daquele dia em diante, a vida de Dino em Florença se tornou impossível. Assim, em 1927, resolveu ir ao Brasil. Em São Paulo, ofereceram-lhe uma vaga de cirurgião no Hospital Umberto I. Uma vez estabilizado, trouxe a família ao Brasil. A pequena Marta, que, em Florença, havia frequentado a escola municipal “Regina Margherita”, chegou com a mãe e a irmã em 1930. No *Istituto Medio Italo-Brasiliانو Dante Alighieri*, foi matriculada na quinta série da preparatória. O pai é quem a levava a primeira vez para a Escola, onde foram recebidos pelo diretor Magnocavallo. Pessoa distinta e cortês, lembra Marta.

Em casa, Dino não falava de política na frente das filhas. Mas os filhos, à medida que crescem, passam a entender do mundo muito mais do que os maiores supõem. Um dia, Marta perguntou ao pai se, na Escola, tinha obrigação de fazer a saudação fascista à maneira dos outros, ou não. Ele então lhe respondeu que fizesse o que melhor lhe conviesse, em atendimento sempre à própria consciência. Assim,

ensinou-lhe o que é responsabilidade e sentido do dever.

Dino faleceu em 31 agosto de 1937, com quarenta e dois anos, vítima de septicemia, desenvolvida por um corte sofrido no dedo, com um bisturi, enquanto operava uma indigente de peritonite. Para Marta, faltavam-lhe poucas semanas para os exames finais, então chamados de “madureza”. Quando ela retornou à Escola, apresentou-se sem gravata e não fez nenhuma saudação. Pela ousadia, foi chamada à direção pelo senhor Venturi, que a olhou demoradamente, em silêncio, mas não a repreendeu.

Marta encarou o exame e passou com louvor. Era na Itália que iria prosseguir seus estudos, mas a morte do pai alterou os programas da família. Para complicar, como não havia frequentado o curso seriado, não possuía o diploma exigido pelas universidades brasileiras. Apresentou-se na Universidade de São Paulo (USP) e descobriu que não podia matricular-se ali regularmente. De qualquer forma, foi admitida como aluna de História Natural na faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, desde que, porém, finalizasse o curso seriado. No *Istituto Medio*, o diretor Venturi e os inspetores paulistanos não criaram objeções à sua frequência irregular. Em dois anos, Marta obteve o diploma brasileiro e pôde assim concluir seus primeiros estudos acadêmicos.

Mas a vida lhe reservava, ainda, outras dores. Há vinte e um anos Marta perdeu a mãe. Giorgio não voltou mais do front. Um primeiro amor nascido na escola e morto na guerra. Enviado à África, foi um dos 3.500 paraquedistas da divisão *Folgore*. Desapareceu em El Alamein, no deserto egípcio, lutando contra as tropas da coalizão inimiga, quinze vezes mais numerosa. Um inferno ao qual poucos sobreviveram. Aos caídos em El Alamein, o próprio Winston Churchill chegou a render honra especial. Foi a mãe de Giorgio quem informou a Marta. Disse-lhe: “Vem”, e ela entendeu. Marta escreveu no seu conto: “Quiçá Giorgio siga vivo, e a morta sou eu? Que seja eu a desaparecida no mundo e ele ainda esteja vivo?”

Marta doutorou-se em Zoologia com o professor Ernst Marcus, que em seguida a elegeu como sua assistente. Frequentou rodas de cientistas e intelec-



Doutora em Zoologia, Marta viajou o mundo em defesa de causas pacíficas

tuais de São Paulo, amigos do seu pai, desfrutando, sobretudo, da amizade de Aloysio de Castro e outros docentes da faculdade de Medicina do Rio. Tinha 25 anos quando foi admitida na Academia de Ciências do Rio. Naturalizou-se cidadã brasileira e casou-se com um colega de trabalho, do qual teve um filho, Érico. Separou-se, casou-se de novo, e do segundo marido teve o segundo filho, Dino. Mas sua vocação de “desaparecida no mundo” – iniciada em Florença, quando menina, por conta da intolerância humana, e agravada em São Paulo pela morte de duas pessoas amadas – viria a lançá-la outra vez para outros lugares, de São Paulo à Índia, do México ao Japão, na nobre defesa da causa da paz.

Nos primeiros dias de 1970, Marta foi convidada para um almoço por uma personalidade muito influente no âmbito acadêmico, político e diplomático. A razão daquele convite era uma antecipação confidencial: a oferta de um cargo importante na delegação Unesco da Índia, com o vivo conselho de aceitá-lo. Mas o que havia por detrás de tudo aquilo?

No começo dos anos 50, Marta dirigia o Instituto Paulista de Oceanografia. Conseguiu logo fazê-lo passar à USP, com o nome de Instituto Oceanográfico, graças ao apoio do reitor Luciano Gualberto. Implantou uma parceria com a Unesco, oferecendo bolsas de estudo a estudantes latino-americanos, depois encaminhados para os EUA, a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha. Dedicou-se aos estudos sobre o plâncton e foi encarregada de acompanhar o projeto de um navio de média tonelagem, batizado de “Professor Wladimir Besnard”, bastante



O presidente do Colégio Dante, dr. José de Oliveira Messina, conversa com Marta Vannucci

similar à famosa “Calypso” do pesquisador francês Coustou. A construção foi entregue a um estaleiro norueguês, para a qual concorreram capitais da USP e da Fundação Ford. Pesquisadora corajosa e independente, Marta convenceu a Marinha brasileira a permitir que a universidade dispusesse de um navio para investigações científicas. Ocorreu que depois, no fim dos anos 60, o contra-almirante Alberto dos Santos Franco, hidrógrafo de renome, assumiu o cargo de diretor do Instituto Oceanográfico.

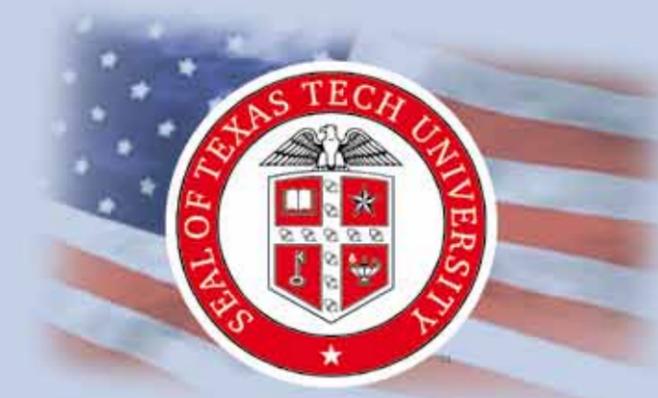
Na Índia, Marta colaborou como coordenadora técnica para um programa de desenvolvimento promovido por uma sociedade internacional que, com sede no Japão, e aos pés do Himalaia, atuava na inspeção de ecossistemas costeiros, úmidos e ricos de mangues. O trabalho consistia na proteção e na reprodução dessas plantas da faixa tropical, que, segundo os cálculos de Marta, liberam na atmosfera mais oxigênio do que toda a Amazônia. Iniciado em 1983 como programa bienal, com nove países, durou oito anos e acabou por incluir 22 países.

Aos sessenta anos, Marta apaixonou-se pelo sânscrito e pelos Vedas, os quatro textos sagrados do hinduísmo, dos quais estudou sobretudo os aspectos ecológicos, publicando também contos e estudos originais sobre a “lógica da natureza”. Entre outras coisas, intuiu que os Vedas falam do Big Bang. Percebeu também que, para viver com as três crianças de quem cuidava, sem tê-las no entanto adotado, eram suficientes 3 mil dolares por

mês. Assim, quando se aposentou, mudou-se para Okinawa, a fim de prosseguir nos estudos e estendê-los à América Central e ao Caribe, o que foi possível graças ao suporte de uma outra sociedade internacional, em colaboração com o Politécnico de Hong Kong. Elaborou um documento que era uma espécie de estatuto sobre a defesa dos mangues, e assinou uma série de ensaios que representaram um modelo para outras declarações aprovadas pela ONU sobre o meio ambiente. Em 1988, em memória do seu primogênito, falecido dois anos antes, instituiu o prêmio “Érico Vannucci Mendes”, com o objetivo de incentivar o estudo da cultura brasileira em todos seus aspectos e “promover a valorização e a conser-

vação dos conhecimentos já tradicionais e dos que vêm sendo incorporados ao longo do tempo”. Em novembro de 1996, o então presidente Fernando Henrique Cardoso outorgou-lhe a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, da qual Marta muito se orgulha – a despeito, diz ela, de nunca a ter exibido publicamente. Da mesma forma, alguns dias depois da sua visita, o Colégio quis homenageá-la com a medalha da Ordem do Sino, conferida aos alunos que se distinguem na vida por méritos especiais. Marta a recebeu com comoção e comentou que o sino é importante em todas as culturas. Seus toques, no Colégio, seguem medindo o tempo das aulas, como dantes.

Atualmente, Marta vive em Florença. Quando pode, volta aos lugares dos seus amores e da sua formação humana e científica. Desta vez, por ocasião do seu nonagésimo aniversário, quis visitar o Colégio Dante em São Paulo, reencarnação, por assim dizer, do *Istituto Medio Dante Alighieri*, onde seu pai, no longínquo ano de 1930, a acompanhou de mão dada para matriculá-la na quinta série da preparatória. E onde se apaixonou por Giorgio, o seu companheiro de turma, desaparecido em 1942 entre as dunas de El Alamein. Apresentou-se na antiga Escola com um lindo sorriso, e voltou para casa de táxi, sozinha, tal qual havia chegado: sorrindo. Porque, como escreveu no seu conto, “o amor e a memória vivem mais do que os corpos, que, num dia feliz, poderão por fim ir embora para sempre”.



O Dante também é High School.

YYEESSSS!!!

O Colégio Dante Alighieri, em parceria com a Texas Tech University, oferece, opcionalmente, o diploma oficial de High School. Os alunos, além do currículo brasileiro, têm aulas em inglês completando a formação americana.

Para mais informações:

www.colegiodante.com.br

(11) 3179-4400